

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EFEITOS PSICOLÓGICOS NA TRANSIÇÃO DE GÊNERO

ESTER LARISSA DE MELO CAVALCANTI
THAISA MILENA SILVA

RECIFE 2021

ESTER LARISSA DE MELO CAVALCANTI

THAISA MILENA SILVA

EFEITOS PSICOLÓGICOS NA TRANSIÇÃO DE GÊNERO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Professor Orientadora: Carla Lopes

RECIFE 2021

ESTER LARISSA DE MELO CAVALCANTI

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

C376e Cavalcanti, Ester Larissa de Melo
Efeitos psicológicos na transição de gênero / Ester Larissa de Melo
Cavalcanti, Thaisa Milena Silva. - Recife: O Autor, 2021.
24 p.

Orientador(a): Esp. Carla Lopes de Albuquerque.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2021.

Inclui Referências.

1. Psicologia. 2. Processo transexualizador. 3. Sexualidade e
gênero. I. Silva, Thaisa Milena. II. Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA. III. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos esse trabalho a todas as pessoas que passam por este processo e que precisam de mais viabilização na luta pelo direito de escolha.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos todos que acreditaram no nosso potencial e contribuíram para a construção deste trabalho, foi um processo muito complicado, fazer o TCC em meio a uma pandemia, mas graças a deus deu tudo certo e conseguimos terminar esse projeto.

Ao longo desses últimos períodos, ficava claro que queríamos fazer um trabalho relacionado à luta LGBTQIA + e percebemos que era um assunto pouco falado e queríamos transmitir um pouco mais sobre essa temática tão importante.

Agradeço a professora Carla Lopes por nos apoiar e ajudar na construção do projeto.

"A minha vida inteira eu procurei em meu corpo por cicatrizes, porque eu sei que uma parte de mim está faltando. Todo mundo pensa que quem eu sou está ligado a quem eles pensavam que era quando eu nasci. Eles estão errados."

(Meu nome é Ray)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO..... | 9 |
| 2.1 SEXO E GÊNERO..... | 9 |
| 2.2 PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SUS..... | 10 |
| 2.3 EFEITOS PSICOLÓGICOS NA TRANSIÇÃO DE GÊNERO..... | 11 |
| 3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO..... | 13 |
| 4 RESULTADOS | 14 |
| 5 DISCUSSÃO..... | 17 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 19 |
| 7 REFERÊNCIAS..... | 20 |

EFEITOS PSICOLÓGICOS NA TRANSIÇÃO DE GÊNERO

Alunos(as): Ester Larissa de Melo Cavalcanti

Thaís Milena Silva

Professora: Carla Lopes

RESUMO

Este trabalho busca trazer informações sobre a transição de gênero e os possíveis efeitos psicológicos nesse processo, com o objetivo geral identificar os efeitos psicológicos na transição de gênero e objetivo específico definir e diferenciar sexo e gênero, compreender como se dar o Processo Transexualizador no SUS. Desde crianças somos determinados a agir de acordo com sexo biológico, propagando a

crença que os órgãos genitais irão definir se você é homem ou mulher. Pessoas que se identificam como transexual relataram um desconforto persistente com o sexo que lhe foi atribuído no nascimento, não se sentindo pertencente ao corpo que lhe foi definido, diante disso começa um processo transexualizador (PrTr). Homens que nascem com o sexo biológico masculino estão em processo transexualizador para mulher trans (MT) se refere a pessoas adultas que nascem com um sexo e se identificam com o gênero oposto ao de nascimento muitos relatam sintomas significativos de estresse psicológico devido a disforia causada e procuram formas para alterar as características de seus corpos. De acordo com a reportagem do G1 em parceria com Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (2021), o Brasil é um dos países que mais mata pessoas trans. Para este trabalho foi utilizado o método qualitativo e revisão bibliográfica para a obtenção de dados. Inicialmente, buscamos estudar os efeitos psicológicos na transição de gênero, mas a partir da construção desse trabalho vimos que ele estava ligado diretamente na compreensão de gênero

Palavras-chave: Psicologia. Processo Transexualizador. Sexualidade e Gênero

ABSTRACT

This work seeks to bring information about the gender transition and the possible psychological effects in this process, with the general objective to identify the psychological effects in the gender transition and specific objective to define and differentiate between sex and gender, understanding how to take place the Transsexualizing Process in SUS. Since childhood we are determined to act in accordance with biological sex, propagating the belief that the genitals will define whether you are male or female. People who identify themselves as transsexuals reported persistent discomfort with the sex assigned to them at birth, not feeling that they belong to the body that was defined for them, and in view of that, a transsexualizing process begins (PrTr). Men who are born with the male biological sex are in the transsexualizing process for trans women (TM) refers to adults who are born with one sex and identify with the opposite gender to the birth, many report significant symptoms of psychological stress due to dysphoria caused and they look for ways to change the characteristics of their bodies. According to the G1 report in partnership with the National Association of Transvestites and Transsexuals (2021), Brazil is one of the countries that kills the most transgender people. For this work, the qualitative method and literature review were used to obtain data. Initially, we sought to study the psychological effects on gender transition, but from the construction of this work we saw that it was directly linked to the understanding of gender

Keywords: Psychology. Transsexualizing Process. sexuality and gender

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia a sociedade ainda encara a identidade de gênero como um tabu, depositando uma expectativa no indivíduo para que ele se comporte de uma maneira que foi vinculado no seu papel de gênero bem antes mesmo de nascer. Uma pessoa que identifica ao seu gênero biológico ela é denominada como cisgênero ou cis. Em contrapartida uma pessoa não-cisgênero se encontra em conflito com o gênero designado ao nascimento como Transgênero ou Trans. (JESUS, 2012). De acordo

com a Política Nacional de Saúde Integrada de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais LGBTQIA+ (2013) a discriminação e a exclusão tem um efeito saúde-doença os tornando suscetíveis ao adoecimento mental.

No Brasil, o processo transexualizador ganhou destaque após a implementação no Sistema Único de Saúde-SUS com a Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008), abrindo espaço para seu reconhecimento e visando um plano assistencial para pessoas que sofrem com a incompatibilidade de gênero. Até pouco tempo atrás a transexualidade era categorizada no sistema de saúde como uma patologia de ordem psíquica, saindo após 28 anos dentro dessa categoria para integralizar o de condições relacionadas à saúde sexual, garantindo a cada pessoa sua autonomia, dignidade e respeitando sua singularidade.

Nesta pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica, onde se busca selecionar e realizar fichamentos que tenham maior importância com a temática apresentada (FLICK, 2009). Tivemos como processo de inclusão, temas que estejam diretamente ligados ao processo transexualizador, sexo e gênero, e os efeitos psicológicos. A pesquisa qualitativa visa a descrição, compreensão e interpretação do fenômeno em estudo. (GODOY, 2005).

Investigamos quais são os impactos psicológicos que podem ocorrer na transição de gênero. Trazemos como objetivo geral, identificar os efeitos psicológicos na transição de gênero e nos objetivos específicos, definir e diferenciar sexo e gênero, compreender como se dar o Processo Transexualizador no SUS e verificar os efeitos psicológicos na transição de gênero.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SEXO E GÊNERO

De acordo com Bento (2006), foram diversos estudos sobre as relações entre os gêneros que apontam um limite a respeito da concepção binária, observando-se que o masculino e o feminino se relacionam em constantes disputas de poder. Segundo Foucault sobre a sexualidade no mundo ocidental (1988), o poder é uma forma de submeter o outro à repressão da sexualidade, funcionando como um meio de inibir as práticas sexuais consideradas ilícitas. Portanto, compreende-se que a partir

desses estudos, pode-se avançar na modificação e na dessencialização das identidades de gênero. De que modo Sexo e Gênero se diferenciam? Qual a relação entre Gênero e Orientação sexual?

Segundo Jesus (2012), Somos pessoas singulares no mundo, porém temos particularidades comuns a toda humanidade. Elas nos reconhecem com alguns e nos diferenciam de outros, como as habilidades físicas, idade, classe social, tudo que marca a diversidade do indivíduo. Desde crianças somos determinados a agir de acordo com sexo biológico, propagando a crença que os órgãos genitais irão definir se você é homem ou mulher. Para ciência biológica o que estabelece se você macho ou fêmea são os cromossomos sexuais e órgãos genitais, mas isso não demarca o comportamento do indivíduo, seus gostos, sua personalidade e como se identificam.

De acordo Jesus (2012), o sexo é biológico, já o gênero é um termo que está relacionado a construção social e vai além do disso, é a maneira de como a pessoa se apresenta socialmente e de como ela se percebe. Quando sentimos e desenvolvemos uma relação emocional, afetiva ou sexual, estamos falando de orientação sexual, ela pode ser heterossexual: sente atração pelo sexo oposto; homossexual: tem relacionamento com pessoas do mesmo sexo; bissexual: pessoa que sente atraída por ambos os sexos; pansexual: sente atração por todos os gêneros sexuais humanos, feminino, masculino, transgêneros ou intersexuais; assexual: inexistência de atração sexual por outra pessoa. A experiência de um gênero, diferente do que se supõe, uma pessoa de determinado sexo (biológico) é questão de identidade. É o caso de pessoas transexuais e travestis que são tratados de forma coletiva.

Em contra partida, a proposta da teoria *queer* critica o conceito, as normas de gênero e a sexualidade binária. Ela não busca a afirmação de uma identificação, mas questiona os dogmas sobre a noção de homem e mulher, possuindo concepções variadas de identidades e tendo como traço marcante a resistência da normatização. Saindo assim desse conceito de sexo e gênero.(MARINHO; VERAS, 2017).

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. Friedrich Nietzsche. Aurora, p. 27 (São Paulo: Escala, 2008).

2.2 PROCESSO TRANSEXUALIZADOR NO SUS

Nos últimos anos foi observado um número crescente de pessoas que buscam a avaliação médica devido a incongruência de gênero. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais DSM-5 (2013), incongruência de gênero ou disforia de gênero é caracterizado em pessoas que exibem distinção marcante relacionada ao gênero experimentado/expresso e o gênero atribuído, por um período de pelo menos 6 meses de duração, mencionando no mínimo duas das seguintes situações: incongruência acentuada no gênero, forte vontade de desprender das próprias características sexuais, desejo intenso pelas características sexuais de outro gênero, interesse de ser tratado como outro gênero, intuito de pertencer ao outro gênero.

No Brasil, o processo transexualizador ganhou destaque após a implementação de diretrizes técnicas e éticas no Sistema Único de Saúde (SUS) no ano de 2008, através da Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008) e ampliado em 2013, reunindo estratégias de atenção a saúde, onde da direto a pessoa ao nome social, a hormonioterapia, a cirurgia de transgenitalização, a mastectomia (retirada de mama) e a histerectomia (remoção do útero) além do acolhimento humanizado. Segundo o portal de notícias Metrôpoles (2021), em 2019 foram realizados 133 cirurgias e 3.910 tratamentos hormonais. Um requisito básico para iniciar o processo terapêutico e a hormonização, é ser maior de 18 anos. Já para procedimentos cirúrgicos é necessário ter uma avaliação psicologia e psiquiátrica durante um período de 2 anos e idade mínima de 21 anos. Quanto à implantação Na Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008:

Art. 4º - Determinar que as Secretarias de Estado da Saúde e Secretarias Municipais de Saúde, em Gestão Plena do Sistema, estabeleçam os fluxos assistenciais, os mecanismos de referência e contra-referência dos pacientes e, ainda, adotem as providências necessárias para que haja a articulação assistencial entre os serviços e, considerem na distribuição geográfica das Unidades de Assistência. (BRASIL, 2008).

Segundo a Portaria MS nº 1.707/2008, a psicoterapia é atribuída antes, durante e depois da decisão de mudanças corporais, processo consiste em assistência e acolhimento do sofrimento pessoal e social, considerando suas vivências, promovendo qualidade de vida, a atenção humanizada, não se restringido apenas ao diagnóstico. Sabendo disso, o Conselho Regional de Psicologia (022/2019) orienta

que, o psicólogo deve atuar como recurso de apoio a construção da autonomia, englobando todo o contexto sociocultural. Sobre a assistência especializada a Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008 define:

Art. 2º - Definir como Unidade de Atenção Especializada no Processo Transexualizador - a unidade hospitalar que ofereça assistência diagnóstica e terapêutica especializada aos indivíduos com indicação para a realização do processo transexualizador e possua condições técnicas, instalações físicas, equipamentos e recursos humanos adequados a este tipo de atendimento. (BRASIL, 2008).

O tratamento clínico consiste em hormonioterapia que só pode ser realizada por um endocrinologista com experiência na área, com uma equipe multidisciplinar, para minimizar os efeitos colaterais. Entre os hormônios, está a testosterona produzida pelos testículos e o estrogênio pelo ovário. Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1.652/2002 autoriza a cirurgia de transgenitalização, devendo ser realizado pelo SUS como tratamento do processo transexualizador, incluindo a mastectomia, e histerectomia, a amputação do pênis e a construção da neovagina ou vice e versa.

2.3 EFEITOS PSICOLÓGICOS NA TRANSIÇÃO DE GÊNERO

Homens que nascem com o sexo biológico masculino estão em processo transexualizador para mulher trans (MT). Já as mulheres que nascem com o sexo biológico feminino, estão nesse processo para homem trans (HT). Segundo o DSM-5 (2013), disforia de gênero refere-se, as pessoas adultas que nascem com um sexo e se identificam com o gênero oposto ao de nascimento, podendo ou não, apresentar a disforia de gênero.

Segundo a pesquisa feita pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2016), pessoas que se identificam como transexual, relataram um desconforto persistente com o sexo que lhe foi atribuído no nascimento, não se sentindo pertencente ao corpo que lhe foi definido. Diante disso começa um processo transexualizador (PrTr). Muitos relatam sintomas significativos de estresse psicológico devido à disforia e procuram formas para alterar as características de seus corpos (por meio do uso de hormônios sexuais e cirurgia plástica), para que essa disforia diminua e se aproxime ao gênero que se identifica.

A pesquisa verificou uma combinação de traumas causados na infância, insatisfação com o corpo e sintomas dissociativos com maior predominância para episódios os depressivos, tentativas de suicídio no decorrer da vida. Segundo ela, pessoas que manifestam sintomas de ansiedades associada a transexualidade com disforia tendem a desenvolver problemas psiquiátricos. O alívio desse sofrimento, está ligada ao tratamento hormonal ou as cirurgias de redesignação de gênero. De acordo com as diretrizes diagnósticas, a transexualidade antes era chamada de transexualismo, o sufixo de origem grega "ismo" denota algo patológica. após 28 anos o CID 11(2019), tirou da categoria de transtornos mentais para integrar o de "condições relacionadas a saúde sexual", onde é classificada como "incongruência de gênero". O Conselho Federal de Psicologia (2018), havia publicado a Resolução CFP nº01/2018, que orienta a atuação profissionais da psicologia no Brasil, para que as transvestilidades e transexualidades não sejam tratadas como doenças. O objetivo é impedir o uso de técnicas psicológicas como reforço do preconceito, estereótipos ou discriminação.

Diante da resolução CFP nº01/2018, o atendimento com pessoas trans é feito da mesma maneira que seria o de uma pessoa cis normativa, levando em consideração sua demanda diferenciada e trabalhando a escuta, prestando uma assistência psicológica e promovendo a qualidade, por meio do acolhimento e do apoio, partindo da compreensão que a transexualidade é uma das múltiplas possibilidades de vivência da sexualidade humana. O papel principal da psicologia com pessoas trans, é no processo transexualizador, onde psicólogos trabalham com uma equipe multidisciplinar. Deve-se considerar e respeitar a diversidade subjetiva da pessoa, garantindo o direito constitucional à saúde, ao atendimento humanizado e livre de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, promovendo autonomia, um atendimento psicológico íntegro, não estando restrito ao procedimento cirúrgico de transgenitalização e as demais intervenções somáticas, aparentes ou não. A pessoa pode decidir transicionar e optar por não fazer nenhuma mudança corporal, isso não mudaria sua identidade de gênero, conforme determinado na Portaria MS nº1.707/2008.

6 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica, selecionando e realizando fichamentos, que tenha uma relação com temática apresentada (FLICK, 2009). A pesquisa qualitativa visa à descrição, compreensão e interpretação do fenômeno em estudo (GODOY, 2005). Ao total encontramos 101 artigos, livros e pesquisas que tinham alguma ligação com o tema. O processo de exclusão foi feito através de fichamentos dos textos. Ficaram cerca de 24 artigos e livros

O processo será efetuada através de dados coletados pelo Scielo, Google Acadêmico, Livros e artigos que estejam relacionados com o tema, por meio de palavras chaves como Processo transexualizador, sexo e gênero, psicologia e transição de gênero, com preferência a publicações datadas entre 2000 à 2021. O processo de inclusão dos artigos foi feito através de fichamentos com temas que estejam diretamente ligados ao processo transexualizador.

7 RESULTADOS

Autores usados nas discursões

| AUTOR | ZERBINATI, B. Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência. 2019. | | |
|--|---|---|--|
| OBJETIVOS | RESULTADOS | CONSIDERAÇÕES FINAIS | |
| investigar e organizar as produções científicas acerca da transfobia e/ou transnegatividade de modo a oferecer uma importante contribuição para a compreensão da transfobia. | <p>: Foram identificados 161 artigos, obtidos a partir do PubMed (n=77), Bireme (n=73) e Scielo</p> <p>(n=11). Com a retirada dos artigos duplicados e fora da área de interesse, relevância e qualidade, foram</p> <p>excluídos 106 artigos. O principal motivo para a exclusão dos artigos, após análise de texto completo</p> <p>pelos autores, foi a averiguação de que não investigavam diretamente nenhum aspecto transfóbico. Não</p> <p>houveram artigos incluídos na síntese qualitativa ou quantitativa, obtendo ao final uma amostragem de</p> <p>55 artigos</p> | <p>. Considerações finais: A identidade trans se constitui de um modo menos enrijecido, com potencial criativo e genuíno</p> <p>ao sexo e ao gênero. Uma sociedade cisheteronormativa e cissexista lida com a criação sexual e de</p> <p>gênero de modo agressivo por entender as pessoas trans como uma ameaça quando, na verdade, elas</p> <p>poderiam ser entendidas como defensoras de uma 'carta de alforria' às normas sexuais e de gênero</p> <p>para todos e todas.</p> | |
| AUTOR | SÁ, Juliana. Tratamento da disforia de gênero. 2017. | | |

| OBJETIVOS | RESULTADOS | CONSIDERAÇÕES FINAIS |
|--|---|--|
| <p>Revisão bibliográfica da literatura recente relativa ao diagnóstico e</p> <p>tratamento da disforia de gênero. Com a divulgação desta informação pretendemos</p> <p>aumentar a consciencialização dos profissionais de saúde para esta problemática.</p> | <p>O diagnóstico de disforia de gênero é um processo complexo e</p> <p>rigoroso. A psicoterapia tem por objetivo maximizar a qualidade de vida e a</p> <p>autorrealização do indivíduo, contribuindo para o processo de aceitação. A Experiência</p> <p>de Vida Real consiste na adoção de comportamentos característicos do gênero</p> <p>pretendido.</p> | <p>A heteronormatividade encontra-se inserida nas mais diversas nuances sociais, tal</p> <p>como aqui demonstrado. Uma vez rendidos às exigências de condutas heterossexuais, a</p> <p>população LGBT a elas estará atrelada e mais difícil será sua emancipação. Por essa razão, a</p> <p>luta pela igualdade deve ocorrer antes da patologia e não depois. O direito, associado ao Estado</p> <p>entendido em termos de gestão pública, tal como exposto, possuem papel providencial nesta</p> <p>empreitada pela plena inclusão social...</p> |
| AUTOR | COSTA, Wellington; CAMPELLO, Ligia G. B. Patologização da transexualidade sob a ótica jurídica: mal (des)necessário. 2017. | |
| OBJETIVOS | RESULTADOS | CONSIDERAÇÕES FINAIS |
| <p>Este artigo trata da patologização da transexualidade, fato cuja problemática tem</p> <p>sido ignorada para viabilizar a realização do tratamento transgenitalizador pelos meios</p> <p>públicos. A pesquisa objetiva definir a transexualidade para, em seguida, apontar o problema</p> <p>de sua incursão como patologia e, ao mesmo tempo, a solução desta inclusão patológica no</p> <p>auxílio da realização da cirurgia de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde - SUS.</p> | <p>A identidade de gênero, formação cultural pessoal de cada qual, não é patologia.</p> <p>Assim, ater-se ao diagnóstico para somente então conceder à pessoa transexual atenção integral</p> <p>à saúde fere frontalmente sua dignidade e não parece ser o melhor caminho social e humano. A</p> <p>pessoa trans pode associar o gênero masculino ou feminino e mesmo assim não pretender</p> <p>realizar cirurgia de alteração de sexo, mas sempre necessitará do acesso a todos os tratamentos</p> <p>de saúde de acordo com seu gênero. Logo, a cirurgia é opção e não finalmente a cura para sua</p> <p>vivência que não é diagnóstico..</p> | <p>Nesse sentido, torna-se indispensável a ação de um Estado consciente e vigilante quanto</p> <p>À necessidade de políticas públicas afirmativas constantes destinadas à proteção e à inclusão</p> <p>desse grupo de cidadãos na sociedade. E, nesse cenário, não resta dúvida de que é cada vez</p> <p>mais urgente e imprescindível leis específicas de proteção ao cidadão transexual brasileiro</p> |
| AUTOR | SILVA, Santos. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. 2014. | |
| OBJETIVOS | RESULTADOS | CONSIDERAÇÕES FINAIS |
| buscou explorar a ideia de | mediante as diferenças | Este artigo realizou também a |

| | | |
|--|--|---|
| <p>identidade social em transexuais e travestis a partir dos conceitos de gênero, corpo, sexualidade e da importância e influência do apoio e do suporte social no universo trans.</p> | <p>dissipantes entre as formas de se pensar corpo e identidade da maior parte da população e de homens e mulheres transexuais, pressupõe-se que a construção da identidade social da mulher/homem trans no contexto atual é fortemente influenciada e determinada pela relação e redes de apoio sociais estabelecidas.</p> | <p>tentativa de aliar duas correntes da Psicologia e os estudos de gênero, a saber, a Psicologia Positiva e a Psicologia social, por meio de teorias que abordam os temas da rede de apoio social, relacionamentos amorosos e do apoio familiar à questão da identidade trans por meio da teoria da identidade social, que foi elencada para compor o arcabouço teórico, uma vez que entende a identidade não como essência, mas sim como algo fluido, não determinista e vinculado a todo instante aos grupos sociais de pertença, assim como pode ser considerada o que se experiência identitária transexual e travesti. Nomeia enquanto identidade transexual e travesti ou</p> |
| AUTOR | BRAZ. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. 2020. | |
| OBJETIVOS | RESULTADOS | CONSIDERAÇÕES FINAIS |
| <p>busca lançar olhares mais atentos aos processos de agenciamento de corporalidades dissidentes em relação às normas de gênero nas trajetórias e percursos de pessoas trans, tomando tal categoria como espaço de articulação de experiências e narrativas múltiplas.</p> | <p>a noção de 'passabilidade' mencionada no artigo expõe o desenvolvimento de contornos e traços corporais que, no limite, garantem a possibilidade de uma pessoa ser reconhecida como cisgênera.</p> | <p>A desnaturalização das categorias sexo, corpo, natureza, biologia, dentre outras possíveis, indica o percurso urgente de historicização das oposições binárias que garantem a coerência dos sistemas de diferenciação em locais e momentos históricos particulares, oportunizando a elaboração de teorias que atravessam os diversos corpos, sem aliança com os essencialismos, mas posicionadas de forma crítica diante de um questionamento irresponsável do sujeito, caminhando para elaboração de uma proposta de genealogia política das ontologias capaz de desconstruir a substancialização dos gêneros, desmembrando seus atos constitutivos e localizando-os no interior das estruturas compulsórias estritamente policiadas.</p> |
| AUTOR | LIONÇO. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios, 2009 | |
| OBJETIVOS | RESULTADOS | CONSIDERAÇÕES FINAIS |

| | | |
|--|---|---|
| <p>a consideração crítica dos avanços, impasses e desafios na instituição dessa política pública de saúde, discutindo a ambivalência no processo de construção da norma técnica.</p> | <p>O Processo Transexualizador compreende um conjunto de estratégias de atenção à saúde implicadas no processo de transformação dos caracteres sexuais pelos quais passam indivíduos transexuais em determinado momento de suas vidas. Não se trata, portanto, do estabelecimento de diretrizes para a atenção integral no sentido estrito, mas daquelas ações necessárias à garantia do direito à saúde circunscritas à passagem para a vivência social no gênero em desacordo com o sexo de nascimento.</p> | <p>a construção da norma Processo Transexualizador no SUS reflete a garantia de participação social, que permitiu o alargamento da perspectiva da atenção à saúde para além do viés médico-biológico e psiquiátrico, resgatando os princípios do SUS.</p> |
|--|---|---|

8 DISCUSSÃO

Um cenário que agrava ainda mais o adoecimento de uma pessoa trans é conviver em um local onde sua identidade não é respeitada, sofrendo transfobia diariamente. Isso faz com que ele busque tratamentos arriscados e sem acompanhamento, devido à falta de apoio. Existem muitos casos de profissionais inexperientes que ainda tratam como uma patologia ou que não respeitam a identidade de gênero e acabam sendo transfóbicos, indo totalmente contra o código de ética. Segundo Boland (2017), para que os psicanalistas façam o atendimento a uma pessoa trans ele deverá se atentar às questões sociais, produzidas por uma população binária, para não psicopatologizar ou invisibilizar, colocando questões pessoais, deixando de entender sua história e sofrimento (ZERBINATI, BRUNS, 2019). De acordo com a reportagem do G1 em parceria com Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (2021), o Brasil é um dos países que mais mata pessoas trans, em

julho de 2021 na cidade de Recife-PE uma mulher trans teve 40% do seu corpo queimado e não sobreviveu. Diante dos estudos, toda essa raiva e discriminação vem de uma população que por não compreender certos aspectos e acabam sendo transfóbica. Devido a cisnormatividade, o indivíduo quer sempre seguir a mesma linha, homem tem pênis, mulher vagina, e algo que fuja desse padrão, para eles é algo patológico, infelizmente tem se pouquíssimos estudos ou informações repassadas sobre o assunto e uma das melhores estratégias para essa diminuição, seria repassando informações e reeducação as pessoas.

A associação nacional de travestis e transexuais (ANTRA) tem feito pesquisas para colher dados de violências direcionadas a pessoas trans devido a raiva e discriminação. O Brasil (2020) segue na liderança de país que mais mata pessoas trans, esses números são maiores quando se trata de travestis e mulheres trans, ocorreu um aumento durante os meses de janeiro, fevereiro, maio, junho, agosto e dezembro, durante a pandemia, período onde estavam ainda mais vulneráveis. As portarias estão sendo sempre atualizadas para que esses números diminuam. A transexualidade antes era chamada de transexualismo, o sufixo 'ismo' denota doença, mas após 28 anos o CID 11 tirou da categoria de transtornos mentais para integrar o de 'condições relacionadas a saúde sexual' e é classificada como 'incongruência de gênero', antes mesmo que a OMS decide-se, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) havia publicado a Resolução CFP nº01/2018, que orienta a atuação profissionais de psicologias no Brasil, para que transvestilidades e transexualidades não sejam tratadas como doenças, o objetivo é impedir o uso de técnicas psicológicas como reforço do preconceitos, estereótipos ou discriminação. Ao longo dos anos, as pessoas trans conquistaram alguns direitos que facilitam sua autonomia e vivencia em um mundo cis, direito ao nome social, uso do banheiro público, uniões homoafetivas, casamento, adoção, registro havidos por reprodução assistida e direito ao trabalho.

A disforia de gênero é causada por uma não compatibilidade com o gênero que o sujeito se identifica, o seu diagnóstico chega ser complicado, podendo ocasionar um adoecimento. Diante disso, precisa-se de uma equipe multidisciplinar para acompanhamento, a forma de aliviar esses sintomas de disforia seriam tratamentos hormonais, cirurgias de redesignação de gênero ou mastectomia (SÁ, JULIANA, 2017). Disforia seria um desconforto ou incômodo direcionado há um corpo em que

não condiz com a identidade de gênero da pessoa, nos homens trans geralmente os seios e nas mulheres os órgãos genitais.

A parte jurídica emprega um papel importante na efetivação da autonomia e dignidade de pessoas trans, pois sua integridade proativa seguirá as mudanças sociais, garantindo a efetivação da aplicação dos direitos de forma igualitária tanto para uma pessoas cis, como uma trans, para que com isso o preconceito não esteja presente em práticas inseridas para validar o poder heteronormativo e exigir que exista um estereótipo de comportamento em uma sociedade que está em constante mudança, deverá ter seus direitos respeitados diante da lei (COSTA; CAMPELLO, 2017).

Cisnormatividade é a normalidade que legitima como saudáveis, naturais e verdadeiras apenas pessoas que se identificam com o sexo que lhe foi atribuído, sendo ele macho/homem ou gêmea/mulher, se referindo a insistência em caracterizar a determinação do gênero com base no sexo ao longo da vida, tendo que seguir essa norma de homem e mulher. De acordo com Bagagli (2017) ao pensar sobre a relação entre identidade de gênero e orientação sexual, vendo que as pessoas heterossexuais e corpos cis como dentro da norma, corpos transgêneros são deslegitimados pela sua orientação sexual, devido à falta de entendimento em relação a diferença de ambos, que a identidade de gênero tem haver com a forma que o sujeito se identifica e orientação sexual está relacionada aos sentimentos afetivos, emocionais ou sexuais que se tem pelo outro, por essa falta de entendimento, faz com que as genitálias sejam o elemento principal das relações afetivas.

Segundo Berenice (2017), desessencialização das pessoas consideradas minorias sexuais é primordial para a consolidação da sexualidade como direito humano e para desconstruir os processos normativos sobre os papéis sexuais. O Processo Transexualizador no SUS é uma amostra sobre o avanço nos direitos, onde enfatiza a urgência de despatologizar a transexualidade como estratégia de promoção da saúde, a diversidade na transexualidade, levando em consideração a autonomia da pessoa transexual na tomada de decisão sobre os critérios necessários para melhorar a qualidade de vida.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC buscou, inicialmente, estudar os efeitos psicológicos na transição de gênero, mas a partir da construção desse trabalho vimos que ele estava ligado diretamente na compreensão de gênero.

Neste aspecto, foi possível perceber que os efeitos que predominam neste processo são, a insatisfação com o corpo e sintomas dissociativos com maior predominância para episódios os depressivos, tentativas de suicídio, estresse psicológico e disforia. Pessoas que manifestam sintomas de ansiedades associada a transexualidade com disforia tendem a desenvolver problemas psiquiátricos. Algumas das principais medidas para reparar essa disforia são: a cirurgia de redesignação sexual e a mudança do nome para a nova identidade. Esse processo é lento e precisa ser acompanhado por médicos e psicólogos, para não haver nenhuma possibilidade de arrependimento.

Durante sua realização, constatamos a existência de direitos, no que se refere à diversidade sexual e a identidade de gênero. Mas ainda sim, são poucas as pesquisas relacionadas ao fator psicológico, sendo necessário uma ampliação desse tema, tendo em vista que a psicologia é uma ciência que envolve toda diversidade humana. Espera-se que esse estudo seja capaz de promover uma reflexão sobre os efeitos psicológicos, e o respeito pelas diferenças de cada pessoa, proporcionando a normatização da transexualidade e a conscientização de que isso é uma condição involuntária que integra a existência da natureza humana.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA DO INSTITUTO ESTADUAL DE DIABETES E ENDOCRINOLOGIA LUIZ CAPRIGLIONE. **Transição de gênero**: o que você pensa sobre transição de gênero? São Paulo: ASSEP, 2019. Tag. Disponível em: <https://assep.org/tag/transicao-de-genero/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

BENEVIDES, Bruna G. Brasil é o país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo, alerta relatório da sociedade civil entregue ao UNFPA. *In: Nações Unidas Brasil*. [Brasília, DF], 03 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatorio-da>. Acesso em: 10 out. 2021.

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br> > T...PDF TRANSVIAD@S - gênero, sexualidade e direitos humanos - RI UFBA>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cuidar bem da saúde de cada um**: faz bem para todos, faz bem para o Brasil. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. *E-book*. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html. Acesso em: 31 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013**. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/PORTARIA%20N%C2%BA%202.803%20Processo%20Transexualizador.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

CARVALHO, Guilherme Paiva de; OLIVEIRA, Aryanne S. Q. de. Discurso, poder e sexualidade em Foucault. **Revista Dialectus**, [S. l.], a. 2, n. 11, p. 100-115, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/ForaDoAr/article/viewFile/366/206>. Acesso em: 9 out. 2021.

CLÍNICA CROCE (org.). Como funciona a reposição hormonal em transgêneros? *In: Clínica Croce*. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://clinicacroce.com.br/blog/reposicao-hormonal-em-transgeneros/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Nota técnica sobre processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans. Brasília, DF: CFP, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Nota-t%C3%A9cnica-processo-Trans.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (São Paulo). **Documento de Orientação CRP 06 nº 002/2019**: a atuação profissional de psicólogas/os no processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans. São Paulo: CRP/SP, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://www.crsp.org/uploads/impresso/3759/orrMnaWSvGNIQFBA nh79heedc70CtaW-.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021.

COSTA, Mariana. Covid-19 reduziu o número de atendimentos do processo transexualizador no SUS: se comparado a 2019, os números de 2020 evidenciam uma diminuição de 70% nas cirurgias transexualizadoras e 6,5% nas terapias hormonais. 2021. *In: Metrôpoles*. São Paulo, 07 fev. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/covid-19-reduziu-o-numero-de-atendimentos-do-processo-transexualizador-no-sus>. Acesso em: 31 mar. 2021.

COSTA, Welington O. S. A.; CAMPELLO, Ligia G. B. Patologização da transexualidade sob a ótica jurídica: mal (des)necessário. **Revista de Gênero, Transexualidade e Direito**, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 108-123, jan./jun. 2017. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=transexualidade+em+uma+vis%C3%A3o+jur%C3%ADdica&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DXDBoJb-jA7EJ. Acesso em: 7 out. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília, DF: Jaqueline Gomes de Jesus, 2012. *E-book*. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=orienta%C3%A7%C3%B5es+sobre+identidade+de+g%C3%AAnero+conceitos+e+termos&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart#d=gs_qabs&u=%23p%3DEKb4cXt3jloJ. Acesso em: 30 mar. 2021.

LEAL, Aline. SUS tem quatro novos serviços ambulatoriais para processo transexualizador. *In: Agência Brasil*. Brasília, DF, 02 jan. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-01/sus-conta-com-quatro-novos-servicos-ambulatoriais-para-processo>. Acesso em: 31 mar. 2021.

MARINHO, Cristiane Maria; VERAS, Elias Ferreira. Michel Foucault e a teoria queer. **Bagoas: Estudos gays, gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/12527>. Acesso em: 10 out. 2021.

MORRE mulher trans que teve 40% do corpo queimado por adolescente no Centro do Recife. *In: G1 Pernambuco*. Recife, 09 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/07/09/morre-a-mulher-trans-que-teve-40percent-do-corpo-queimado-por-adolescente-no-centro-do-recife.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2021.

SÁ, Juliana Patrícia Marques. **Tratamento da Disforia de Gênero**. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) – Universidade do Porto, Porto, 2017. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=disforia+de+g%C3%AAnero+transsexual&oq=disforia+de+g%C3%AAnero+trans#d=gs_qabs&u=%23p%3DHWim0nwBEKkJ. Acesso em: 10 out. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Adolescência. Disforia de Gênero. *In*: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Guia prático de atualização**. Rio de Janeiro: SBP, 2017. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/19706c-GP_-_Disforia_de_Genero.pdf. Acesso em: 31 mar. 2021.

SPIZZIRRI, Giancarlo. Disforia de gênero em indivíduos transexuais adultos: aspectos clínicos e epidemiológicos: Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. **Diagnóstico e Tratamento**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 45-48, 2017. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/03/832448/rdt_v22n1_45-48.pdf. Acesso em: 27 mar. 2021.

VALADARES, Carol. Ministério da Saúde habilita novos serviços ambulatoriais para processo transexualizador: os novos serviços serão disponibilizados em São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro e Uberlândia (MG). No SUS, são realizados procedimentos ambulatoriais e cirurgias de mudança de sexo. *In*: **Secretária do Estado de Saúde**. Belo Horizonte, 03 jan. 2017. Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/component/gmg/story/8923-ministerio-da-saude-habilita-novos-servicos-ambulatoriais-para-processo-transexualizador>. Acesso em: 31 mar. 2021.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011. *E-book*. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/Diversidade-Sexual-Web.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência. **Revista Periódicus**, v. 2, n. 11, p. 195-216, 2019. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=transfobia&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DFpp8UKodQ7IJ. Acesso em: 7 out. 2021.